

AUDITÓRIO MUNICIPAL DO SEIXAL

10 de Dezembro de 2006, Domingo, 17.00 horas

Comemorações do Centenário do Nascimento de Fernando Lopes-Graça

CORO LOPES-GRAÇA

Direcção: José Robert



- Programa -

Seis cantos tradicionais portugueses de alvíssaras, romaria, romances

F. Lopes Graça

1. *Já os passarinhos cantam* - Beira Baixa
2. *Ó Senhora do Amparo* - Beira Baixa
3. *A Senhora d'Aires* - Alentejo
4. *Oração de Santo António* - Algarve
5. *Romance da Andorinha Gloriosa* - Beira Baixa
6. *Senhora Santa Catr'ina* - Beira Baixa

Seis cantos tradicionais portugueses da Natividade, Janeiras e Reis

F. Lopes-Graça

1. *Do verão nasceu a vara*
2. *Nascen, já nascen*
3. *Os pastores em Belém*
4. *Hoje é dia de Janeiro*
5. *Partidos são de Oriente*
6. *Deus lhe dê cá boas noites*

- intervalo -

Seis canções regionais portuguesas

F. Lopes-Graça

1. *Canção da vindima* - Beira Baixa
2. *Aproveitai a azeitona* - Beira Baixa
3. *Olh'a laranja* - Alentejo
4. *Ó meu paninho* - Alentejo
5. *Os homens que vão p'ra guerra* - Douro Litoral
6. *Maria da Conceição* - Beira Baixa

Três esconjuros – Textos tradicionais

F. Lopes-Graça

1. *Contra os maus encontros*
2. *Contra os maridos transnados*
3. *Contra as trovoadas*

Três canções heróicas

F. Lopes Graça

1. *Canto do livre* - Soares de Passos
2. *Mãe pobre* - Carlos de Oliveira
3. *Acordai!* - José Gomes Ferreira

Câmara Municipal do Seixal

CORO LOPES-GRAÇA DA ACADEMIA DE AMADORES DE MUSICA Fundado em 1945 por Fernando Lopes-Graça, o Coro esteve inicialmente ligado ao Movimento de Unidade Democrática, tendo tido a sua estreia pública no Teatro Taborada aquando da apresentação do MUD à população de Lisboa. Em 1950 foi incorporado na Academia de Amadores de Musica, tendo dois anos depois – 1952 – adoptado o nome de Coro da Academia de Amadores de Musica. O Coro foi dirigido pelo seu fundador até 1988, passando nessa altura a contar com a direcção de José Robert, até então e desde 1974, maestro-adjunto de Fernando Lopes-Graça.

As “Canções Heróicas” constituíram, de início, o repertório do Coro. A breve trecho, porém, foi a sua apresentação pública interdita pela Polícia Política e pela Censura sem que, no entanto, estas lograssem consegui-lo em convívios privados, que muitas vezes tinham lugar após os concertos em Colectividades Recreativas Populares ou em Associações Estudantis, bem como no exílio e nas prisões do regime de então onde, de facto, nunca deixaram de ser entoadas.

Frequentemente a actuação do Coro era acompanhada de uma parte dedicada à declamação de poesia, primeiro por Maria Barroso, mais tarde por Manuela Porto que, a dada altura, criou um grupo de amadores que representava textos de Gil Vicente, Tchekov, Pirandello e outros. Juntava-se a música, a poesia e o teatro como Federico Garcia Lorca havia feito com A BARRACA.

Na impossibilidade de publicamente fazer ouvir as “Canções Heróicas” logo em 1946, surgem como resposta os cantos tradicionais do povo português harmonizados por Lopes-Graça que a este respeito escreveu: “A história das “Canções Regionais Portuguesas” pode, em certa medida, considerar-se solidária da história das “Canções Heróicas”. É o caso que, quando em 1946 foram apreendidas, para que o agrupamento coral já então formado e actuante pudesse prosseguir o seu voluntário apostolado cívico, de par com uma prestante assistência de ordem cultural junto das colectividades populares que constantemente solicitavam a sua cooperação, necessário era, de toda a evidência, mudar de tática.

Mudar de tática significava que arranjasse um repertório de cantos que promanasse de uma realidade colectiva, de algo em que o povo se reconhecesse e mediante o qual se exaltasse nos sentimentos e nas suas aspirações a um viver pátrio íntegro e limpo de aviltações. Essa realidade colectiva, essa matéria identificadora, era, entendemos nós que era, a canção tradicional portuguesa, oferecida, não na sua natureza de puro documento folclórico – o que seria uma solução simplista e de menor operância pedagógica pois que também estava na nossa mente uma acção educadora –, mas sim transformada e aprofundada na sua significação e na sua essência estética e social. E assim nasceram as versões corais das canções regionais portuguesas que, durante cerca de trinta anos, constituíram o forçado mas não menos actuante sucedâneo das quase à nascença assassinadas “canções heróicas”, no seu confluyente propósito de servirem a grei portuguesa, para sua exaltação e ilustração”.

O Coro tem actuado de norte a sul de Portugal continental. Em Dezembro de 1974 deslocou-se a Paris para participar na I Semana do Emigrante, em Abril de 1979 foi a Luanda para as comemorações do 25 de Abril, em Abril de 1998 a Bruxelas para um concerto no Parlamento Europeu e em Junho de 2003 aos Açores – St.ª Cruz da Graciosa, a convite da Academia Musical local.

Tem constituído o repertório do Coro, durante os 59 anos da sua existência e as mais de 700 vezes em que se apresentou em público (dados coligidos apenas a partir da época de 1955/56), perto de 240 canções, da autoria de Lopes-Graça ou por si harmonizadas, metade das quais (120) foram registadas em 14 discos. Cerca de 400 coralistas passaram já pelo Coro.

Fernando Lopes-Graça faleceu em 27 de Novembro de 1994 e, por decisão unânime da Assembleia Geral da Academia de Amadores de Música reunida em 14 de Dezembro do mesmo ano, o coro passou a designar-se “Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Musica”.

JOSÉ ROBERT Desde muito cedo a actividade musical de José Robert incidiu no estudo e prática da música coral, pois que, simultaneamente com os seus estudos musicais, fez parte activa e regular de vários agrupamentos corais, infantis e juvenis, com especial incidência na polifonia. Após ter concluído o Curso de Canto Gregoriano, estudou harmonia e composição com o Dr. Manuel Luis, praticou Direcção Coral e Música de Câmara com Viçoso Freire, dirigindo a Schola Cantorum do Seminário Maior Patriarcal dos Olivais durante vários anos. Foi co-fundador do Coro da Fundação Gulbenkian, onde permaneceu cerca de oito anos. Posteriormente, depois de dirigir o Orfeão Scalabitano, hoje Coro do Círculo Cultural Scalabitano, assumiu a Direcção Artística do Choral Phidellius, cargo que ocupa desde 1971, dirigindo também, desde 1974 como adjunto de Fernando Lopes-Graça, e a partir de 1988 como titular, o Coro da Academia de Amadores de Música, presentemente designado Coro Lopes-Graça da Academia de Amadores de Música.

Frequentou diversos cursos e seminários de Direcção Coral e Orquestral no País e no Estrangeiro. Nomeadamente trabalhou com Pierre Kaelin, Heinz Henning, Armand, da Bulgária, Herbert Joris e, em Berlim, frequentou o Curso Internacional para Directores de Coros Mistos, sob a orientação de Gertrichmuth, de Leipzig.

Desde 1979, e com regularidade, dedica parte da sua actividade à formação técnica e artística de directores corais, orientando, a convite da Secretaria de Estado da Cultura e de outros organismos oficiais e particulares, como a Escola Superior de Música de Lisboa e Academias de Música, diversos cursos e workshops de direcção coral em várias zonas do país. Com alguma frequência tem sido convidado para membro de júri de diversos concursos de composição coral e, também, para a direcção de ateliers corais em workshops especializados.

Diplomado com o Curso Superior de Educação pela Arte, do Conservatório Nacional de Lisboa, é, desde 1981, o Director Artístico do Coro da Universidade de Lisboa. Desde Outubro de 1991 desempenha o cargo de professor de Direcção Coral na Academia de Amadores de Música de Lisboa e, a partir de Março de 1997, data da sua fundação, dirige o Coro de Câmara da Universidade de Lisboa.